



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Praça de São Pedro
Quarta-feira, 5 de Outubro de 2011

[[Vídeo](#)]

Salmo 23

Queridos irmãos e irmãs,

Dirigir-se ao Senhor na oração exige um gesto de confiança radical, com a consciência de nos confiarmos a Deus que é bom, «misericordioso e clemente, vagaroso em encolerizar-se, cheio de bondade e de fidelidade» (Êx 34, 6-7; Sl 86, 15; cf. Gl 2, 13; Gn 4, 2; Sl 103, 8; 145, 8; Ne 9, 17). Por isso, hoje gostaria de meditar convosco sobre um Salmo inteiramente imbuído de confiança, em que o Salmista exprime a sua certeza tranquila de que é guiado e protegido, salvaguardado de todo o perigo, porque o Senhor é o seu pastor. Trata-se do Salmo 23 — segundo os dados greco-latinos, 22 — um texto familiar para todos e amado por todos.

«O Senhor é o meu pastor: nada me falta»: assim começa esta linda oração, evocando o ambiente nómade da pastorícia e a experiência de conhecimento recíproco que se estabelece entre o pastor e as ovelhas que compõem o seu pequeno rebanho. A imagem evoca uma atmosfera de confiança, intimidade e ternura: o pastor conhece as suas ovelhas uma por uma, chama-as pelo nome e elas seguem-no porque o reconhecem e confiam nele (cf. Jo 10, 2-4). Ele cuida delas, conserva-as como bens preciosos, pronto a defendê-las, a garantir o seu bem-estar e a fazer com que vivam em tranquilidade. Nada lhes pode faltar, se o pastor estiver com elas. A esta experiência faz referência o Salmista, chamando Deus seu pastor e deixando-se orientar por Ele para pastagens seguras:

«Em verdes prados me faz descansar,
e conduz-me a águas refrescantes.
Reconforta a minha alma
e guia-me pelos caminhos rectos,
por amor do seu nome» (vv. 2-3).

A visão que se abre aos nossos olhos é de verdes prados e águas refrescantes, oásis de paz rumo aos quais o pastor acompanha o rebanho, símbolos dos lugares de vida para os quais o Senhor conduz o Salmista, que se sente como as ovelhas deitadas na relva ao lado de uma nascente, numa situação de descanso, não em tensão nem em estado de alarme, mas confiantes e tranquilas, porque o lugar é seguro, a água é fresca e o pastor vela sobre elas. E não esqueçamos aqui que a cena evocada do Salmo é ambientada numa terra em boa parte desértica, atingida pelo sol ardente, onde o pastor seminómade médio-oriental vive com o seu rebanho nas estepes que se estendem ao redor dos povoados. Mas o pastor sabe onde encontrar erva e água fresca, essenciais para a vida, sabe conduzir ao oásis em que a alma «se restabelece» e é possível retomar as forças e novas energias para se pôr novamente a caminho.

Como diz o Salmista, Deus guia-o rumo a «verdes prados» e «águas refrescantes», onde tudo é superabundante, tudo é concedido abundantemente. Se o Senhor é o pastor, também no deserto, lugar de ausência e de morte, não esmorece a certeza de uma presença de vida radical, a ponto de poder dizer: «Nada me falta». Com efeito, o pastor tem a peito o bem do seu rebanho, adapta os próprios ritmos e as suas exigências aos das suas ovelhas, caminha e vive com elas, guiando-as por caminhos «rectos», ou seja adequados, com atenção às necessidades delas, e não às suas. A segurança do seu rebanho é a sua prioridade, e a ela obedece ao guiá-lo.

Prezados irmãos e irmãs, também nós, como o Salmista, se caminarmos atrás do «Bom Pastor», por mais difíceis, sinuosos ou longos que possam parecer os percursos da nossa vida, com frequência inclusive em regiões espiritualmente desérticas, sem água e com um sol de racionalismo ardente, sob a guia do Bom Pastor, Cristo, temos a certeza de caminhar pelas estradas «rectas», e que o Senhor nos orienta e está sempre próximo de nós, e nada nos faltará.

Por isso, o Salmista pode declarar uma tranquilidade e uma segurança, sem incertezas nem temores:

«Mesmo que atravesse os vales sombrios,
nenhum mal temerei, porque estais comigo.
O vosso bastão e o vosso cajado dão-me conforto» (v. 4).

Quem atravessa com o Senhor mesmo os vales sombrios do sofrimento, da incerteza e de todos os problemas humanos, sente-se seguro. Tu estás comigo: esta é a nossa certeza, aquela que nos sustém. A escuridão da noite causa medo, com as suas sombras mutáveis, a dificuldade de

distinguir os perigos, o seu silêncio cheio de ruídos indecifráveis. Se o rebanho se move depois do pôr-do-sol, quando a visibilidade se faz incerta, é normal que as ovelhas se sintam inquietas, pois há o risco de tropeçar, ou então de se afastar e de se perder, e há ainda o temor de possíveis agressores que se escondam na obscuridade. Para falar do vale «sombrio», o Salmista usa uma expressão hebraica que evoca as trevas da morte, pelo que o vale a atravessar é um lugar de angústia, de ameaças terríveis, de perigo de morte. E no entanto, o orante procede seguro, sem medo, porque sabe que o Senhor está com ele. Aquele «Tu estás comigo» é uma proclamação de confiança inabalável e resume a experiência de fé radical; a proximidade de Deus transforma a realidade, o vale sombrio deixa de ser perigoso, esvaziando-se de qualquer ameaça. Agora, o rebanho pode caminhar tranquilo, acompanhado pelo barulho familiar do bastão que bate no terreno e denota a presença tranquilizadora do pastor.

Esta imagem confortadora encerra a primeira parte do Salmo, e deixa o lugar a um cenário diverso. Ainda estamos no deserto, onde o pastor vive com o seu rebanho, mas agora somos transportados para a sua tenda, que se abre para oferecer hospitalidade:

«Preparais-me um banquete
diante dos meus adversários.
Ungis com óleo a minha cabeça;
e a minha taça transborda» (v. 5).

Agora o Senhor é apresentado como Aquele que recebe o orante, com os sinais de uma hospitalidade generosa e cheia de atenções. O anfitrião divino prepara o alimento na «mesa», um termo que em hebraico indica, no seu sentido primitivo, a pele de animal que era estendida no chão, e sobre a qual eram postos os alimentos para a refeição em comum. Trata-se de um gesto de partilha não só da comida, mas também da vida, numa oferenda de comunhão e de amizade que cria vínculos e exprime solidariedade. E depois há ainda o dom magnânimo do óleo perfumado sobre a cabeça, que dá alívio ao calor do sol do deserto, refresca e cura a pele, e alegra o espírito com a sua fragrância. Enfim, a taça transbordante acrescenta uma nota de festa, com o seu vinho delicioso, compartilhado com generosidade superabundante. Alimento, óleo e vinho: são os dons que fazem viver e dão alegria porque vão além do que é estritamente necessário e expressam a gratuidade e a abundância do amor. Celebrando a bondade providente do Senhor, o Salmo 104 proclama: «Fazeis brotar a relva para o gado, e plantas úteis para o homem, a fim de que da terra possa extrair o pão e o vinho que alegra o coração do homem, o óleo que lhe faz brilhar o rosto e o pão que lhe sustenta as forças» (vv. 14-15). O Salmista torna-se objecto de muitas atenções, pelo que se vê como um viandante que encontra salvaguarda numa tenda hospitaleira, enquanto os seus adversários devem parar para olhar, sem poder intervir, porque aquele que consideravam sua presa encontrou refúgio, tornou-se hóspede sagrado, intocável. E o Salmista somos nós, se formos realmente crentes em comunhão com Cristo. Quando Deus abre a sua tenda para nos receber, nada nos pode ferir.

Depois, quando o viandante volta a partir, a salvaguarda divina prolonga-se e acompanha-o durante a sua viagem:

«A graça e a bondade hão-de acompanhar-me
todos os dias da minha vida.

A minha morada será a casa do Senhor
ao longo dos dias» (v. 6).

A bondade e a fidelidade de Deus são a escolta que acompanha o Salmista que sai da tenda e se põe novamente a caminho. Mas é um caminho que adquire um novo sentido e se torna peregrinação rumo ao Templo do Senhor, o lugar santo em que o orante quer «habitar» para sempre e para o qual também deseja «voltar». O verbo hebraico aqui utilizado tem o sentido de «voltar», mas com uma pequena modificação vocálica, pode ser entendido como «habitar», e é assim citado pelas antigas versões e pela maior parte das traduções modernas. Ambos os sentidos podem ser conservados: voltar ao Templo e ali habitar é o desejo de cada israelita, e habitar perto de Deus na sua proximidade e bondade é o anseio e a saudade de cada crente: poder habitar realmente onde está Deus, perto de Deus. O seguimento do Pastor conduz à sua casa; esta é a meta de cada caminho, oásis almejado no deserto, tenda de refúgio na fuga dos inimigos, lugar de paz onde experimentar a bondade e o amor fiel de Deus, dia após dia, na alegria serena de um tempo sem fim.

As imagens deste Salmo, com a sua riqueza e profundidade, acompanharam toda a história e a experiência religiosa do povo de Israel e acompanham os cristãos. A figura do pastor, em particular, evoca o tempo originário do Êxodo, o longo caminho no deserto, como um rebanho sob a guia do Pastor divino (cf. *Is* 63, 11-14; *Sl* 77, 20-21; 78, 52-54). E na Terra prometida o rei tinha a tarefa de apascentar a grei do Senhor, como David, pastor escolhido por Deus e figura do Messias (cf. *2 Sm* 5, 1-2; 7, 8; *Sl* 78, 70-72). Depois, após o exílio da Babilónia, como que num novo Êxodo (cf. *Is* 40, 3-5.9-11; 43, 16-21), Israel é reconduzido à sua pátria como uma ovelha tresmalhada que volotu a ser encontrada, reconduzida por Deus para verdes prados e lugares de descanso (cf. *Ez* 34, 11-16.23-31). Mas é no Senhor Jesus que toda a força evocativa do nosso Salmo alcança a sua totalidade, encontra a sua plenitude de significado: Jesus é o «Bom Pastor» que vai à procura da ovelha tresmalhada, que conhece as suas ovelhas e que dá a própria vida por elas (cf. *Mt* 18, 12-14; *Lc* 15, 4-7; *Jo* 10, 2-4.11-18); Ele é a vereda, o caminho recto que nos leva à vida (cf. *Jo* 14, 6), a luz que ilumina o vale sombrio e vence todo o nosso medo (cf. *Jo* 1, 9; 8, 12; 9, 5; 12, 46). Ele é o anfitrião generoso que nos recebe e nos protege dos inimigos, preparando-nos a mesa do seu Corpo e do seu Sangue (cf. *Mt* 26, 26-29; *Mc* 14, 22-25; *Lc* 22, 19-20), e a mesa definitiva do banquete messiânico no Céu (cf. *Lc* 14, 15 ss.; *Ap* 3, 20; 19, 9). Ele é o Pastor real, rei na mansidão e no perdão, entronizado no madeiro glorioso da Cruz (cf. *Jo* 3, 13-15; 12, 32; 17, 4-5).

Caros irmãos e irmãs, o Salmo 23 convida-nos a renovar a nossa confiança em Deus,

abandonando-nos totalmente nas suas mãos. Portanto, peçamos com fé ao Senhor que nos conceda, também através das estradas difíceis do nosso tempo, caminhar sempre pelas suas sendas como um rebanho dócil e obediente, nos receba na sua casa, à sua mesa e nos conduza a «águas refrescantes» para que, no acolhimento do dom do seu Espírito, possamos saciar-nos nas suas nascentes, fontes daquela água viva «que jorra para a vida eterna» (Jo 4, 14; cf. 7, 37-39). Obrigado!

Saudação

Saúdo cordialmente todos os peregrinos de língua portuguesa presentes nesta Audiência, nomeadamente o grupo de diáconos permanentes vindos de Lisboa e os sacerdotes da Arquidiocese de Diamantina, acompanhados de seu bispo. Possa cada um de vós, guiado pelo Bom Pastor, ser por todo o lado um zeloso mensageiro do amor de Deus e uma testemunha corajosa da fé. Que Deus vos abençoe!

Apelo

Não deixam de chegar notícias dramáticas sobre a carestia que atingiu a região do Corno de África. Saúdo o Cardeal Robert Sarah, [Presidente do Pontifício Conselho «Cor Unum»](#) e D. Giorgio Bertin, Administrador Apostólico de Mogadíscio, presentes nesta audiência juntamente com alguns representantes de organizações caritativas católicas, que se encontrarão para verificar e dar ulterior estímulo às iniciativas destinadas a fazer face a esta emergência humanitária. Participará no encontro também um representante do Arcebispo de Canterbury, o qual lançou até um apelo a favor das populações atingidas. Renovo o meu convite premente à Comunidade internacional para que continue o seu compromisso em relação àqueles povos e peço a todos que ofereçam orações e ajuda concreta a tantos irmãos e irmãs tão duramente provados, sobretudo às crianças que todos os dias morrem naquela região devido a doenças e à falta de água e de alimento.